

A PEDRA DO CAVALEIRO

por **Caetano de Mello Beirão**

No Verão de 1972, percorrendo as carreiras do Alto Algarve, dirigimo-nos ao Monte das Mestras, em busca do local onde havia sido descoberta a maior lápide de escrita tartéssica (1) e também a que contém o mais extenso texto de quantas até hoje foram encontradas, que se acha em Olhão, na posse do nosso amigo, Sr. Abílio de Gouveia, e que publicaremos oportunamente. Identificámos o local — uma pequena horta junto à sinuosa Ribeira da Foupana — e um túmulo rectangular de paredes de pedra totalmente violado que foi desenhado e fotografado.

A estrada que conduz àquele Monte passa pelo Monte Barroso, freguesia de Martinlongo, concelho de Alcoutim, onde, curiosos da minha visita e depois de indagarem dos nossos propósitos, os habitantes nos informaram de que em terras de um deles, distantes cerca de uma hora daquela estrada, se encontrava uma pedra, que continha uns desenhos e a que chamavam «a pedra do cavaleiro».

Como os nossos intuits eram outros e definidos e não dispunhamos de tempo, guardámos para outra ocasião uma visita ao local e um exame da tal pedra do cavaleiro.

Passaram-se os anos e não se proporcionou momento para tal visita e exame. O assunto, porém, não ficou esquecido e a curiosidade e o interesse eram grandes. Finalmente, no Outono em curso, foi-nos possível satisfazer esse interesse e essa curiosidade. Deslocámo-nos ao Monte Barroso com o exclusivo propósito de ir ao local onde se encontrava a pedra do cavaleiro e demos por muito bem empregados o tempo e o esforço dispendidos.

Chegados ao Monte interrogámos uma mulher idosa que pensámos nos poderia informar sobre o assunto. Disse-nos que quem deveria saber dele era um homem que se encontrava a trabalhar a pouca distância. Era verdade, pois tratava-se do próprio proprietário da terra onde se encontrava a pedra, o Sr. António Custódio, que amavelmente concordou em satisfazer o nosso desejo, mandando o seu filho, um rapaz de doze anos, levar-nos ao local.

(1) Não vemos, até, razão para abandonar a terminologia de **cinético-tartéssia**, usada por Mendes Correia.

Já entardecia naquele dia 23 de Outubro e apressámos o passo para chegarmos antes do pôr-do-sol, pois pretendíamos tirar fotografias e o cerro onde estava a pedra, que se avistava do Monte, ainda era distante. Por um caminho de pé posto subimos e descemos cerros, a caminho da ribeira, passámos, em seguida, por duas hortas bem cultivadas e, depois, por um moínho de água pitoresco e desabitado; atravessámos a ribeira, quase sêca, encetámos, por fim, a subida do cerro Castelhana (2). A meia encosta, numa dobra do cerro, junto a uma azinheira, parámos. Chegámos, depois de um rápido percurso de cerca de três quilómetros em direcção Sudoeste junto à «Pedra do Cavaleiro». Trata-se de um fragmento de uma pedra (estela?) gravada (3) em xisto duro da região, cujas medidas máximas são: 60 cm de largura, 36 cm de altura e 12 cm de espessura. Na sua parte central, encontra-se gravada uma figura antropomórfica que nos parece semelhante, nos seus contornos, à da estela de S. Martinho II, do museu de Castelo Branco (4), embora com os olhos bem gravados, ao contrário desta. Sobre a figura, de que o fragmento contém apenas a parte superior do corpo, perpendicular a esta e, portanto, em sentido horizontal, uma linha de pequenas cavidades, ao jeito de «faussetes», que parecem executadas com uma pua de arco, rudimentar, lembram a decoração da estela de S. Martinho I, também de Castelo Branco; a linha de cavidades, nesta, porém, está por baixo das figuras e entre duas rectas paralelas (5). O fragmento contém várias outras cavidades semelhantes mas não alinhadas, como se pode ver pela gravura.

A direita de quem está virado para a face gravada da pedra e, portanto à esquerda da figura, distingue-se perfeitamente uma espada que por ela parece empunhada. Um outro elemento gravado pode ser um escudo. Quanto aos restantes elementos, sem uma rigorosa reprodução de toda a superfície gravada do fragmento, cujas incisões são nítidas e profundas, não julgamos possível proceder-se ao seu conveniente estudo.

(2) M = 08° 50' 06" (W de Greenwich); P = 37° 23' 22"; folha n.º 50 - A (Ameixial), à escala 1 : 50 000 do Instituto Geográfico e Cadastral (Ed. de 1961). Ver mapa anexo.

(3) Utilizamos esta nomenclatura de **estela gravada** por não concordarmos com a de Martín Almagro, no seu importante trabalho «Las Estelas decoradas del Sudoeste Peninsular», Madrid, 1966. Com efeito, não concordamos que se use a designação genérica de **estelas** para estas e para as chamadas **tampas insculturadas** do Sul de Portugal. (ver mapa), por duas razões: primeiro, porque estela (grego $\sigma\tau\eta\lambda\eta$, latim *stela*) significa, muito concretamente, «coluna», «pedra erguida», o que se não coaduna com «tampas de sepultura», que, reconhecidas unanimemente são as **tampas insculturadas**. Segundo, porque não concordamos com o adjectivo **decoradas** para identificar gravuras que não têm fundamentalmente, a intenção de decorar ou ornamentar sepulturas, mas sim a de identificar o morto ou informar-nos da sua categoria ou dos seus feitos — ou seja um fundamento descritivo e nunca decorativo, pelo menos nos casos «sub iudice». Em outros pontos, ainda, divergimos do magnífico trabalho de Almagro sem que este facto possa minimizar, antes pelo contrário, o ilustre arqueólogo espanhol. Referiremos aqui apenas um ponto: não nos parece evidente que as estelas do Norte de Portugal, S. Martinho (Castelo Branco) e Longroiva (Guarda), sejam monumentos funerários, particularmente as figuras antropomórficas não são jacentes, antes parecem vivas, o que poderia traduzir qualquer comemoração de feitos, nomeadamente, na estela II de S. Martinho, uma caçada especialmente propícia, no local em que foi erigida ou noutra, e porque nenhuma tumulação foi encontrada nas cercanias. Não queremos dizer, note-se, que não possam ser funerárias, mas apenas que não o são necessariamente, sem outros indícios coadjuvantes. É o caso da pedra do cavaleiro. Assim, das estelas portuguesas, apenas as de Figueira e Meimão, por analogia com as estelas espanholas, seriam funerárias, dada a representação do escudo ser semelhante à dos destas que contém, muitas, evidente figura humana jacente.

(4) v. Almagro ob. cit. pág. 33 e lâmina II.

(5) Orifícios semelhantes podem ser notados na estela de Figueira, que Almagro não assinala mas são visíveis na fotografia que publica (lam. XVII), e em outras espanholas.

Parece-nos, no entanto, que só com bastante imaginação se poderá considerar que a estela representa um cavaleiro.

Depois de fotografada a peça e posta a recato, efectuámos uma busca pela encosta do cerro e também no seu cume, mas não encontrámos mais nenhum fragmento que parecesse pertencer à estela, nem nenhum indício de onde estaria primitivamente colocada nem de qual a sua função. É possível que uma busca mais minuciosa e demorada conduza a melhores resultados, mas a tarde estava a findar e era necessário regressar ao Monte.

O Sr. António Custódio acedeu, a nosso pedido, a transportar a pedra para o Monte (não o fizemos não só devido ao peso respeitável mas principalmente porque não obtivemos prévia autorização), a fim de a entregar-mos ao museu de Faro.

O sol tinha desaparecido por trás dos cerros altos. Despedimo-nos à luz avermelhada do céu. Abalámos com intenção de voltar.

5/11/1976

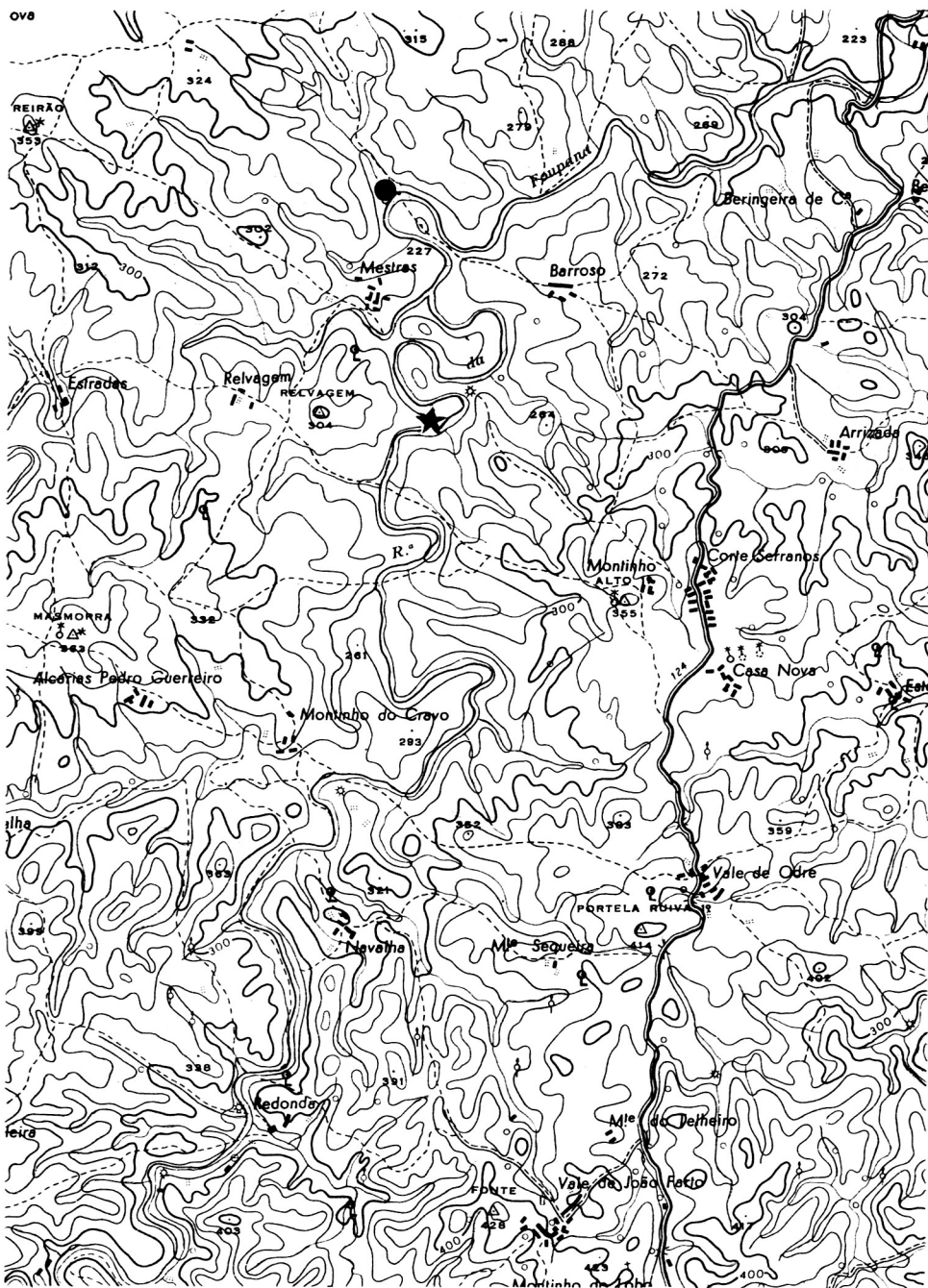
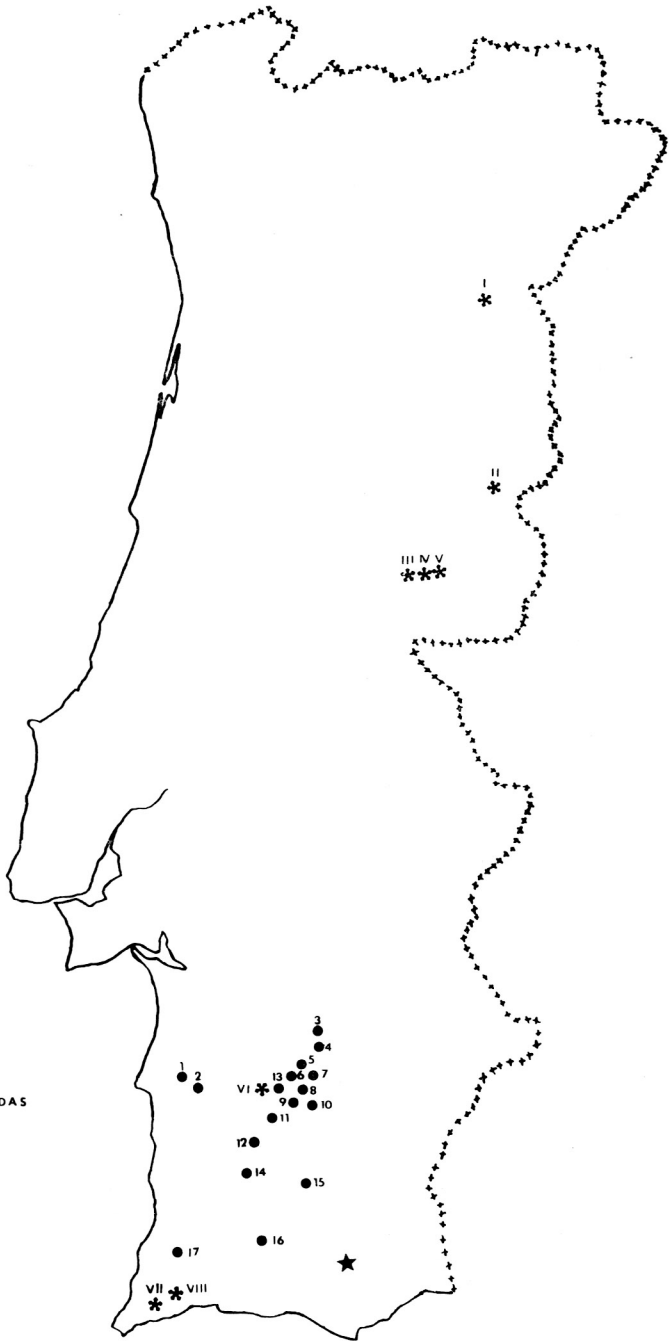


Fig. 1 — ● Lápide escrita e túmulo cinético-tartéssio das Mestras.
★ Pedra do cavaleiro.



Fig. 2 — Pedra do cavaleiro.



LEGENDA:

- * ESTELAS GRAVADAS
- TAMPAS INSCULTURADAS
- ★ PEDRA DO CAVALEIRO

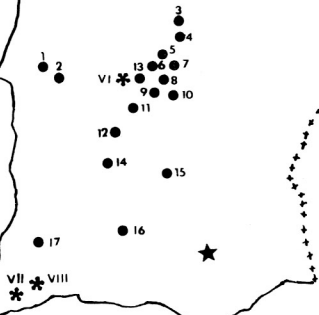


Fig. 3 — (A numeração romana que acompanha a identificação de cada estela e cada tampa é a do catálogo de M. Almagro).

Estelas : I — Longroiva (Guarda), XXXIV.

II — Meimão (Castelo Branco), XXXI.

III — S. Martinho I (Castelo Branco), III.

IV — S. Martinho II (Castelo Branco), IV.

V — S. Martinho III (Castelo Branco), V.

VI — Ervidel (Beja).

VII — Figueira (Lagos), XX.

VIII — Bensafrim (Lagos), XIII.

Tampas : 1 — Defesa (Santiago do Cacém), XIV.

2 — Abela (Santiago do Cacém), XVII.

3 — Trigaxes I (Beja), VII.

4 — Trigaxes II (Beja), VIII.

5 — Mombeja I (Beja), IX.

6 — Mombeja II (Beja), X.

7 — Mombeja III (Beja), XI.

8 — Santa Vitória (Beja), VI.

9 — Pedreirinha (Beja), XXIX.

10 — Assento (Beja), XXX.

11 — S. João de Negrilhos (Beja), XXXVIII.

12 — Paços (Aljustrel), XXXIX.

13 — Ervidel (Beja).

14 — Corte do Freixo (Almodôvar), XL.

15 — Castro Verde (Beja), XXVIII.

16 — Alfarrobeira (Silves).

17 — Marmeleite (Lagos), XII.

NOTA — Não incluímos no mapa nem as chamadas estelas-ídolos da cultura megalítica, publicadas por Almagro, nem a estela escrita da necrópole cinético-tartéssia da Abóbada, contendo a gravura de um guerreiro, nem a estela escrita da necrópole cinético-tartéssia de Benaciate, contendo a insculptura de um cavaleiro, nem a estela insculpturada da necrópole cinético-tartéssia dos Mourigos (Ourique), contendo a de uma espada semelhante à espada ou punhal da figura antropomórfica de Castelnau-Valence reproduzida por Almagro a pag. 140 da ob. cit. por se tratar de peças não pertencentes às duas categorias acima referidas. Das duas últimas apresentaremos brevemente um estudo.